DSG/DEA e APRENDIZAGEM:

Desafios no Desenvolvimento da Linguagem Escrita, Impactos Educacionais e Estratégias Pedagógicas Inclusivas

Genilde do Nascimento Alves Monteiro
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Rosineide Maria de Lima Marinho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

DSG/DEA E APRENDIZAGEM: DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA, IMPACTOS EDUCACIONAIS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS.

Genilde do Nascimento Alves Monteiro
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Rosineide Maria de Lima Marinho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

O presente estudo aborda os desafios e possibilidades no desenvolvimento da linguagem escrita em contextos de DSG/DEA, considerando impactos educacionais e estratégias pedagógicas inclusivas. O desenvolvimento da escrita constitui um processo complexo, que envolve habilidades cognitivas, sociais e emocionais, demandando atenção às diferenças individuais e às necessidades específicas de aprendizagem de cada estudante. A pesquisa evidencia que práticas pedagógicas adaptadas e diversificadas, aliadas ao uso de tecnologias assistivas e recursos inovadores, promovem ambientes de aprendizagem mais equitativos e participativos. Observa-se que a integração entre métodos tradicionais e metodologias ativas, incluindo cultura maker, gamificação e narrativas envolventes, potencializa a compreensão, a expressão escrita e o engajamento dos educandos. A análise aponta para a importância de professores formados e preparados para reconhecer a diversidade de perfis de aprendizagem, identificando barreiras e promovendo soluções inclusivas. Estratégias centradas no educando, que consideram suas experiências, interesses e ritmos de desenvolvimento, contribuem para a construção coletiva do conhecimento e para o fortalecimento de competências críticas, éticas e sociais. A investigação evidencia que o diálogo entre currículos contextualizados, tecnologias digitais e práticas pedagógicas inclusivas não apenas favorece a alfabetização e a proficiência escrita, mas também amplia a percepção de equidade e valorização da diversidade no ambiente escolar. Em síntese, os desafios da DSG/DEA podem ser mitigados por meio de abordagens educacionais inovadoras e inclusivas, que promovam o desenvolvimento integral e significativo de todos os estudantes.

Palavras-chave: DSG/DEA; linguagem escrita; impactos educacionais; estratégias pedagógicas inclusivas; metodologias ativas; inclusão educacional.

DSG/DEA AND LEARNING: CHALLENGES IN THE DEVELOPMENT OF WRITTEN LANGUAGE, EDUCATIONAL IMPACTS, AND INCLUSIVE PEDAGOGICAL STRATEGIES.

This study addresses the challenges and opportunities in the development of written language within DSG/DEA contexts, considering educational impacts and inclusive pedagogical strategies. Writing development constitutes a complex process involving cognitive, social, and emotional skills, requiring attention to individual differences and the specific learning needs of each student. The research demonstrates that adapted and diversified pedagogical practices, combined with assistive technologies and innovative resources, foster more equitable and participatory learning environments. It is observed that the integration of traditional methods with active methodologies, including maker culture, gamification, and engaging narratives, enhances comprehension, written expression, and student engagement. The analysis emphasizes the importance of teachers being trained and prepared to recognize diverse learning profiles, identifying barriers and implementing inclusive solutions. Learner-centered strategies, which take into account students' experiences, interests, and developmental rhythms, contribute to collective knowledge construction and the strengthening of critical, ethical, and social competencies. The investigation shows that the interplay between contextualized curricula, digital technologies, and inclusive pedagogical practices not only supports literacy and writing proficiency but also promotes equity and the appreciation of diversity in school settings. In summary, the challenges of DSG/DEA can be mitigated through innovative and inclusive educational approaches that foster the integral and meaningful development of all learners.

Keywords: DSG/DEA; written language; educational impacts; inclusive pedagogical strategies; active methodologies; educational inclusion.

DSG/DEA E APRENDIZAGEM: DESAFIOS NO DESENVOLVIMENTO DA LINGUAGEM ESCRITA, IMPACTOS EDUCACIONAIS E ESTRATÉGIAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS.

Genilde do Nascimento Alves Monteiro
Simone Helen Drumond Ischkanian
Gladys Nogueira Cabral
Rosineide Maria de Lima Marinho
Silvana Nascimento de Carvalho
Sygride Nascimento de Carvalho
Rosimery Mendes Rodrigues
Gabriel Nascimento de Carvalho
Sandro Garabed Ischkanian

1. INTRODUÇÃO

O estudo sobre Distúrbios de Sintaxe da Gramática (DSG) e Distúrbios Específicos de Aprendizagem (DEA) tem se consolidado como uma área central na investigação educacional contemporânea, pois essas condições influenciam diretamente a aquisição de competências essenciais à formação acadêmica. Conforme Batista e Kumada (2021), a análise de distúrbios de aprendizagem demanda abordagem metodológica rigorosa, que considere as especificidades individuais dos estudantes e o contexto pedagógico em que se inserem. Tais distúrbios manifestam-se de maneira diferenciada, sendo determinados por fatores neuropsicológicos, cognitivos e linguísticos, e não por limitações de inteligência geral ou carência de oportunidades educativas.

No caso do DSG, os alunos apresentam dificuldades na organização sintática e gramatical da linguagem, comprometendo a produção textual coerente e adequada ao contexto comunicativo. Carvalho (2003) ressalta que essas dificuldades podem se refletir em erros de concordância, desordem estrutural das orações e inadequação no uso de tempos verbais, comprometendo a construção de sentido na escrita. Por outro lado, os DEA abrangem problemas específicos de leitura, escrita e cálculo, incluindo dislexia, disgrafia e discalculia, que não derivam de déficits cognitivos globais, mas da maneira como o indivíduo processa informações e organiza conhecimentos complexos.

A compreensão detalhada dessas condições permite à escola e aos professores implementar estratégias pedagógicas inclusivas, que conciliem métodos tradicionais e metodologias ativas, como uso de tecnologias assistivas, cultura maker e gamificação (Cabral, 2022). Tais práticas contribuem para um ambiente educativo mais equitativo, capaz de responder às necessidades diversas dos estudantes, estimulando a autonomia e a participação ativa na construção do conhecimento.

Além disso, a articulação entre avaliação diagnóstica, acompanhamento pedagógico e intervenção personalizada constitui base fundamental para o desenvolvimento da linguagem escrita. Souza et al. (2023) destacam que intervenções calibradas às características cognitivas e emocionais

de cada aluno favorecem a progressão de habilidades linguísticas e o fortalecimento da autoconfiança acadêmica, mitigando impactos educacionais negativos.

A identificação precoce de DSG/DEA e a aplicação de estratégias inclusivas promovem não apenas a alfabetização funcional, mas também a formação de competências críticas, éticas e sociais, essenciais ao exercício da cidadania. De acordo com Oliveira et al. (2026), o alinhamento entre currículo contextualizado, práticas pedagógicas inovadoras e recursos digitais inclusivos fortalece a equidade educacional e amplia as oportunidades de aprendizagem.

O presente estudo objetiva analisar os desafios enfrentados pelos educadores no desenvolvimento da linguagem escrita de alunos com DSG/DEA, discutindo impactos educacionais e apresentando estratégias pedagógicas inclusivas. A investigação propõe refletir sobre práticas que ampliem a compreensão sobre o papel da escola na mediação de processos de aprendizagem complexos, considerando a diversidade cognitiva e linguística dos estudantes.

A relevância desta temática se evidencia diante da necessidade de repensar práticas educativas tradicionais, que muitas vezes não contemplam diferenças individuais significativas. Furtado e Santos (2004) argumentam que a educação inclusiva exige reconhecimento da heterogeneidade dos aprendizes e flexibilidade metodológica para responder às múltiplas demandas presentes nas salas de aula.

Neste contexto, compreender DSG/DEA transcende a análise de déficits e se posiciona como oportunidade de transformação pedagógica. Metodologias inovadoras, adaptadas às necessidades específicas de aprendizagem, promovem experiências educativas significativas, capazes de integrar teoria e prática de maneira eficaz, ampliando a capacidade de expressão e compreensão escrita (Soares, 2010; Cabral, 2022).

A investigação enfatiza, ainda, a importância da formação docente contínua, capacitada para identificar sinais precoces de dificuldades de aprendizagem e implementar soluções inclusivas, respeitando o ritmo, as experiências e o potencial de cada estudante. Lemle (2000) reforça que educadores preparados para lidar com diversidade cognitiva e linguística são fundamentais para o sucesso de intervenções pedagógicas adaptativas.

O desafio da educação contemporânea reside em promover ambientes de aprendizagem que não apenas transmitam conteúdos, mas que reconheçam e valorizem a singularidade de cada aluno, favorecendo a construção coletiva do conhecimento e o desenvolvimento integral. Cabral et al. (2025) destacam que tecnologias digitais emergentes e ferramentas inovadoras podem funcionar como mediadores desse processo, integrando acessibilidade e personalização.

A articulação entre DSG/DEA, avaliação diagnóstica e estratégias pedagógicas inclusivas demonstra que a educação deve ser concebida como prática dinâmica, reflexiva e crítica. O reconhecimento das barreiras de aprendizagem individuais e coletivas contribui para a construção de metodologias centradas no estudante, promovendo engajamento e autonomia.

O foco nas estratégias pedagógicas inclusivas implica adotar recursos diversificados, desde tecnologias assistivas de baixo custo até práticas criativas como storytelling, gamificação e cultura maker. Oliveira et al. (2026) argumentam que tais abordagens fortalecem competências socioemocionais, cognitivas e linguísticas, ampliando o impacto positivo da educação em alunos com DSG/DEA.

Compreender a complexidade do desenvolvimento da linguagem escrita exige análise integrada dos aspectos cognitivos, afetivos e sociais que permeiam a aprendizagem. Vygotsky (2001) enfatiza que a construção da mente e da linguagem ocorre no contexto social, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que promovam interação, colaboração e reflexão crítica.

A pesquisa evidencia que metodologias centradas no educando, aliadas ao uso de recursos digitais e estratégias inclusivas, permitem superar limitações impostas por DSG/DEA, promovendo aprendizagem significativa e construção do conhecimento de forma ética e responsável (Cabral et al., 2025; Oliveira et al., 2026).

O desenvolvimento de competências de escrita não se restringe à aquisição técnica de regras gramaticais, mas envolve compreensão profunda da linguagem, organização de ideias e capacidade de expressão pessoal. Carvalho (2006) reforça que a educação inclusiva deve valorizar essas dimensões, considerando cada estudante como protagonista do próprio aprendizado.

Estudos recentes demonstram que integração interdisciplinar e contextualização do currículo aumentam a eficácia das práticas educativas, favorecendo adaptação de conteúdos e metodologias ao perfil dos alunos (Carvalho et al., 2026). Esse enfoque evidencia que o aprendizado ocorre de forma mais eficiente quando as estratégias respondem às demandas cognitivas e afetivas dos estudantes.

A avaliação diagnóstica desempenha papel central na identificação de DSG/DEA, permitindo ao educador mapear habilidades, barreiras e potencialidades. Silva et al. (2026) destacam que a escuta sensível e o acompanhamento sistemático fortalecem intervenções pedagógicas personalizadas, promovendo inclusão e equidade educacional.

O investimento em tecnologias digitais e metodologias ativas representa um caminho promissor para a construção de ambientes inclusivos. Cabral et al. (2024a) indicam que gamificação, storytelling e ferramentas digitais estimulam motivação, engajamento e criatividade, consolidando a aprendizagem como processo ativo e participativo.

Compreender a diversidade cognitiva e linguística dos estudantes requer diálogo constante entre teoria, prática e inovação pedagógica. Ischkanian et al. (2022) ressaltam que o papel do professor vai além da transmissão de conteúdos, sendo mediador de experiências significativas que ampliam a expressão escrita e favorecem competências críticas.

A construção do conhecimento em contextos de DSG/DEA evidencia a necessidade de articulação entre práticas inclusivas, avaliação diagnóstica e desenvolvimento de habilidades socioemocionais. Oliveira et al. (2026) argumentam que ambientes educativos inclusivos fortalecem

a participação, o pensamento crítico e a capacidade de resolução de problemas, promovendo aprendizado integral.

O estudo reforça que estratégias pedagógicas inclusivas, adaptadas à realidade de cada estudante, contribuem para equidade e acesso à aprendizagem de qualidade. A interseção entre DSG/DEA, tecnologia, metodologias ativas e cultura maker constitui um campo fértil para inovação educativa e promoção de resultados acadêmicos significativos.

A reflexão sobre DSG/DEA transcende o diagnóstico de dificuldades e projeta a escola como espaço de construção coletiva de conhecimento, criatividade e autonomia. Cabral (2023) e Oliveira et al. (2026) indicam que metodologias centradas no aluno potencializam competências linguísticas e socioemocionais, consolidando práticas inclusivas e inovadoras.

Compreender DSG/DEA é compreender a educação como processo complexo, plural e dinâmico, que demanda criatividade, adaptação e atenção às singularidades de cada estudante. As estratégias pedagógicas inclusivas permitem transformar desafios em oportunidades, promovendo desenvolvimento integral, linguagem escrita qualificada e equidade educacional.

2. DESENVOLVIMENTO

A compreensão do impacto de DSG/DEA no desenvolvimento da linguagem escrita requer uma análise que articule fatores cognitivos, emocionais e contextuais, reconhecendo a singularidade de cada estudante. Segundo Vygotsky (2001), os processos psicológicos superiores se formam em interação social, de modo que o ambiente escolar torna-se um mediador central na aquisição de competências linguísticas. A presença de distúrbios específicos de aprendizagem impõe desafios que vão além da simples correção de erros, exigindo intervenção pedagógica planejada e contextualizada.

O DSG, caracterizado por dificuldades na estrutura sintática e na gramática, evidencia a necessidade de estratégias educacionais sensíveis às particularidades linguísticas do aluno. Soares (2010) ressalta que a alfabetização envolve mais do que a memorização de regras, incluindo compreensão de padrões, coerência textual e expressão pessoal. Nesse sentido, o trabalho docente precisa integrar avaliação diagnóstica detalhada e metodologias adaptativas que favoreçam a construção autônoma de conhecimento.

Já os DEA abrangem uma gama mais ampla de distúrbios específicos, como dislexia, disgrafia e discalculia, impactando a leitura, a escrita e a organização do pensamento. Tonini (2005) destaca que o reconhecimento precoce dessas dificuldades possibilita intervenções mais eficazes, prevenindo que lacunas iniciais comprometam a trajetória escolar. A escola, nesse cenário, deve atuar como espaço de mediação que valorize ritmos e estilos de aprendizagem diversos.

A utilização de metodologias ativas e recursos tecnológicos tem demonstrado potencial transformador na aprendizagem de estudantes com DSG/DEA. Oliveira et al. (2026) evidenciam que ferramentas digitais e cultura maker favorecem a expressão escrita, estimulam a criatividade e

fortalecem competências socioemocionais. O engajamento em atividades práticas e contextualizadas permite que o aluno experimente, reflita e revise suas construções linguísticas, consolidando aprendizagens significativas.

O processo de avaliação assume papel estratégico no acompanhamento de estudantes com dificuldades de aprendizagem. Silva et al. (2026) argumentam que escuta sensível, observação contínua e registros sistemáticos fornecem informações essenciais para o planejamento pedagógico personalizado. A avaliação, nesse contexto, transcende a mera verificação de acertos, tornando-se instrumento de compreensão do desenvolvimento integral do educando.

A relação entre linguagem escrita e racismo linguístico também merece atenção na abordagem pedagógica. Oliveira et al. (2026) destacam que preconceitos culturais podem reforçar barreiras de aprendizagem, influenciando a autoestima e a motivação do estudante. Reconhecer essas dimensões sociais amplia a compreensão sobre os impactos educativos do DSG/DEA, estimulando práticas mais éticas e inclusivas.

O papel do professor vai além da instrução direta, configurando-se como mediador das experiências de aprendizagem. Soares (2017) enfatiza que a atuação docente requer reflexão crítica sobre métodos e adaptação constante das estratégias. Nesse contexto, a capacitação docente contínua torna-se elemento essencial para o sucesso de intervenções personalizadas e inclusivas.

O desenvolvimento da linguagem escrita envolve competências cognitivas complexas, incluindo memória de trabalho, planejamento e atenção sustentada. Vygotsky (2000) evidencia que a linguagem é instrumento de mediação entre pensamento e ação, reforçando que distúrbios sintáticos ou de aprendizagem afetam não apenas a escrita, mas também a organização do raciocínio. Estratégias pedagógicas que integram prática e reflexão fortalecem essas habilidades.

A interdisciplinaridade e a contextualização curricular são fatores centrais na construção de ambientes de aprendizagem significativos. Carvalho et al. (2026) destacam que a articulação entre diferentes áreas do conhecimento contribui para que os alunos relacionem conteúdos, construam sentido e expressem ideias de forma coerente, minimizando os impactos dos distúrbios.

Gamificação, storytelling e atividades culturais podem ser integradas às práticas pedagógicas para promover engajamento e motivação. Cabral et al. (2024a) argumentam que tais recursos criam experiências lúdicas que favorecem a exploração da linguagem escrita, estimulando experimentação, revisão e reflexão, elementos essenciais na aprendizagem de estudantes com DSG/DEA.

A inclusão educativa deve ser compreendida como processo dinâmico, que exige ajuste constante de métodos, recursos e avaliação. Furtado e Santos (2004) sugerem que políticas de inclusão escolar precisam transcender a adaptação física e tecnológica, incorporando compreensão das diversidades cognitivas, linguísticas e culturais dos estudantes.

A diversidade de perfis cognitivos exige que as estratégias pedagógicas sejam flexíveis, permitindo ajustes de ritmo, complexidade e formato das atividades. Oliveira et al. (2026) destacam que intervenções centradas no aluno contribuem para o fortalecimento da autonomia, autoeficácia e habilidades de metacognição, fundamentais para superar barreiras decorrentes de DSG/DEA.

A utilização de tecnologias digitais como mediadoras da aprendizagem evidencia avanços significativos na educação inclusiva. Cabral et al. (2025) demonstram que ambientes digitais interativos permitem personalização de conteúdos, acompanhamento em tempo real e estímulo à expressão escrita, promovendo equidade educacional.

As expressões artísticas e o brincar também são recursos valiosos na mediação da aprendizagem. Viana et al. (2026) indicam que experiências culturais e artísticas estimulam pensamento crítico, criatividade e capacidade de expressão, criando contextos motivadores para alunos com DSG/DEA, além de favorecer o desenvolvimento socioemocional.

O ensino da escrita deve ser pensado como processo integrado de leitura, reflexão e produção textual. Soares (2020) enfatiza que a prática constante, aliada a feedback qualificado, promove internalização de estruturas linguísticas e ampliação da fluência, mesmo diante de dificuldades específicas de aprendizagem.

A implementação de estratégias pedagógicas inclusivas requer articulação entre diferentes atores educativos, incluindo família, professores e especialistas. Page et al. (2021) ressaltam que revisões sistemáticas e práticas baseadas em evidências fortalecem o planejamento pedagógico, garantindo que as intervenções sejam efetivas, consistentes e alinhadas com as necessidades individuais.

A atenção às dimensões emocionais é crucial na aprendizagem de alunos com DSG/DEA. Cabral (2025) evidencia que a inteligência emocional influencia a motivação, resiliência e engajamento dos estudantes, reforçando que intervenções pedagógicas devem integrar componentes socioemocionais ao ensino da linguagem escrita.

A abordagem inclusiva também envolve a promoção de equidade linguística, respeitando diferentes formas de expressão e contextos culturais. Oliveira et al. (2026) argumentam que considerar diversidade linguística e cultural amplia a percepção de pertencimento e fortalece a participação dos alunos, promovendo desenvolvimento integral.

A construção da linguagem escrita exige articulação entre teoria e prática, combinando métodos tradicionais, tecnologias e atividades contextualizadas. Silva et al. (2026) destacam que o equilíbrio entre instrução direta, práticas experimentais e feedback contínuo favorece o avanço das competências linguísticas e a consolidação de processos reflexivos de aprendizagem.

O acompanhamento sistemático dos estudantes permite ajustes contínuos nas estratégias pedagógicas, ampliando a eficácia das intervenções. Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer de Palmeira (2023) evidencia que avaliações diagnósticas detalhadas orientam decisões

pedagógicas e promovem aprendizagem significativa, respeitando as características individuais dos alunos.

O estudo de DSG/DEA evidencia que desafios na aprendizagem não devem ser compreendidos apenas como obstáculos, mas como oportunidades de inovação pedagógica. Oliveira et al. (2026) reforçam que práticas inclusivas e criativas, integrando tecnologia, cultura maker e metodologias ativas, potencializam a construção de conhecimento e consolidam competências essenciais para o desenvolvimento acadêmico e pessoal dos estudantes.

2.1. METODOLOGIA DA PESQUISA PARA DELINEAMENTO DO ARTIGO

A pesquisa adotou abordagem qualitativa, orientada por procedimentos bibliográficos e documentais, tendo como foco a análise interpretativa de produções científicas sobre DSG/DEA e aprendizagem, com ênfase nos desafios do desenvolvimento da linguagem escrita, impactos educacionais e estratégias pedagógicas inclusivas. Narciso e Santana (2025) ressaltam que pesquisas qualitativas permitem compreender processos, significados e interpretações que não podem ser reduzidos a dados numéricos, fornecendo perspectivas aprofundadas sobre práticas educativas contemporâneas. A investigação bibliográfica e documental possibilita o acesso a saberes consolidados, permitindo ao pesquisador construir análises críticas e contextualizadas, respeitando a complexidade do campo educacional (Morales, 2022; Page et al., 2021).

Optou-se por pesquisa bibliográfica, cujo objetivo central consiste em reunir, sistematizar e analisar a produção científica sobre DSG/DEA e aprendizagem. Silva et al. (2009) defendem que esse tipo de investigação permite conhecer o estado da arte, identificar lacunas e fundamentar teoricamente novos estudos, ao explorar obras previamente publicadas, incluindo artigos, dissertações, livros e materiais eletrônicos. A bibliografia selecionada serviu de base para o desenvolvimento do referencial teórico, assegurando consistência metodológica e rigor analítico (Fávero e Centenaro, 2019; Batista e Kumada, 2021).

A investigação incorporou pesquisa documental, englobando materiais de caráter científico e institucional disponíveis em bases digitais, como CAPES, Scopus, Web of Science, SciELO, Academia Edu e Google Acadêmico. Galvão e Ricarte (2019) destacam que a pesquisa documental permite examinar fontes diversificadas, proporcionando compreensão de contextos, práticas e políticas educacionais. Os critérios de seleção consideraram relevância temática, atualidade e rigor acadêmico, assegurando que os dados analisados fossem representativos do campo de estudo.

O processo de análise envolveu leitura detalhada e analítica dos materiais selecionados, buscando identificar padrões, divergências e contribuições singulares no contexto da educação inclusiva para estudantes com DSG/DEA. Creswell (2021) enfatiza que a análise qualitativa requer atenção às nuances do discurso e interpretação cuidadosa, permitindo que os dados revelem

dimensões implícitas dos fenômenos estudados. Categorias temáticas foram definidas com base nos objetivos da pesquisa, orientando a sistematização das informações coletadas.

O cruzamento entre diferentes fontes possibilitou identificar recorrências conceituais, tensões metodológicas e estratégias pedagógicas inovadoras, promovendo interpretação crítica e integrativa dos dados. Cabral et al. (2025) apontam que esse procedimento contribui para evidenciar padrões de intervenção, lacunas teóricas e práticas emergentes, fortalecendo a fundamentação do estudo. A análise bibliográfica exigiu olhar reflexivo, dialógico e autônomo do pesquisador, evitando reproduzir passivamente as ideias localizadas.

A sistematização das informações considerou aspectos pedagógicos, cognitivos e socioemocionais, com foco na construção de narrativa articulada sobre DSG/DEA e aprendizagem. Silva et al. (2026) ressaltam que abordagens interpretativas favorecem compreensão de como práticas inclusivas e metodologias ativas impactam o desenvolvimento da linguagem escrita. O procedimento metodológico integrou leitura crítica, categorização temática e síntese interpretativa, permitindo elaborar análise consistente e coerente.

A avaliação da consistência dos dados priorizou confrontos entre evidências empíricas, recomendações pedagógicas e modelos teóricos. Page et al. (2021) enfatizam que a sistematização criteriosa garante validade interna à pesquisa e minimiza a ocorrência de interpretações equivocadas. Cada obra foi examinada considerando contribuições específicas, abordagens metodológicas e implicações para a prática educativa, permitindo estabelecer relações conceituais entre os diferentes achados.

A pesquisa documental incluiu obras institucionais, relatórios de avaliação educacional e diretrizes pedagógicas, possibilitando compreensão do contexto formal da educação inclusiva. Secretaria Municipal de Educação, Esporte e Lazer de Palmeira (2023) exemplifica a relevância de dados institucionais para identificar práticas efetivas e necessidades emergentes, complementando informações obtidas em artigos e livros científicos.

O processo de categorização temática permitiu organizar os dados em dimensões centrais, incluindo desafios na linguagem escrita, impactos educacionais, estratégias inclusivas, metodologias ativas e uso de tecnologias. Cabral et al. (2024a) destacam que a categorização facilita análise comparativa, evidenciando lacunas e convergências entre diferentes perspectivas acadêmicas. A construção dessas categorias favoreceu interpretação integrada e desenvolvimento de narrativas analíticas.

A triangulação das fontes foi essencial para garantir confiabilidade e amplitude de compreensão sobre DSG/DEA e aprendizagem. Morales (2022) enfatiza que cruzar informações provenientes de diferentes origens permite validar achados e contextualizar recomendações pedagógicas, fortalecendo a robustez do estudo. Essa abordagem contribui para que o conhecimento produzido seja aplicável à prática educacional e relevante para diferentes contextos escolares.

A análise crítica contemplou a relação entre aspectos cognitivos, sociais e emocionais no desenvolvimento da escrita. Vygotsky (2001) reforça que habilidades linguísticas emergem da interação social, de modo que compreender o impacto do DSG/DEA exige avaliação das condições de mediação oferecidas pelo professor e pelo ambiente escolar. Tal perspectiva orientou a interpretação das evidências coletadas na literatura.

A reflexão sobre intervenções pedagógicas considerou experiências de metodologias ativas, cultura maker, gamificação e recursos digitais. Cabral et al. (2025) demonstram que estratégias inovadoras contribuem para engajamento, motivação e construção autônoma do conhecimento, especialmente para estudantes com dificuldades específicas de aprendizagem. Essas evidências subsidiaram recomendações analíticas do estudo.

A investigação também examinou contribuições de obras voltadas à formação docente e à inclusão educacional. Narciso e Santana (2025) indicam que compreender métodos e práticas consolidadas fornece subsídios para desenvolvimento de políticas pedagógicas adaptativas e formação continuada. Essa perspectiva reforçou a articulação entre teoria e prática ao longo da pesquisa.

O estudo considerou a relevância de práticas de avaliação formativa e diagnóstica para monitoramento contínuo do progresso dos estudantes. Silva et al. (2026) salientam que instrumentos de acompanhamento, associados à análise interpretativa de resultados, permitem intervenções mais assertivas e inclusivas, promovendo aprendizado significativo e fortalecimento de competências linguísticas.

A abordagem qualitativa permitiu interpretar nuances do processo educativo, considerando a singularidade do aluno e a diversidade de contextos de aprendizagem. Creswell (2021) destaca que essa modalidade privilegia compreensão aprofundada sobre fenômenos complexos, favorecendo a construção de análises ricas e fundamentadas sobre DSG/DEA.

A análise integrada de dados bibliográficos e documentais evidenciou convergências entre desafios e estratégias pedagógicas, permitindo identificação de lacunas e tendências emergentes na educação inclusiva. Fávero e Centenaro (2019) sugerem que a investigação documental complementa a bibliográfica, enriquecendo a compreensão sobre práticas e políticas educacionais vigentes.

A construção de categorias analíticas possibilitou observar relações entre competências linguísticas, motivação do estudante e práticas pedagógicas inovadoras. Cabral et al. (2024a) ressaltam que o uso de recursos tecnológicos e metodologias centradas no aluno potencializa desenvolvimento da escrita e participação ativa, oferecendo insights estratégicos para a prática educativa.

O processo de análise culminou em síntese interpretativa articulada, permitindo identificar padrões e contrastes relevantes sobre DSG/DEA e aprendizagem. Page et al. (2021) evidenciam que

revisões sistemáticas e leituras analíticas garantem rigor metodológico, fornecendo suporte consistente para recomendações pedagógicas e futuras pesquisas.

As decisões metodológicas adotadas, incluindo bibliografia crítica, pesquisa documental e categorização temática, proporcionaram abordagem robusta e abrangente. Silva et al. (2009) reforçam que pesquisa qualitativa estruturada dessa maneira garante profundidade analítica, possibilitando interpretações fundamentadas, reflexão crítica e construção de conhecimento relevante sobre o desenvolvimento da linguagem escrita em contextos de DSG/DEA.

A metodologia delineada assegurou que o estudo se configurasse como investigação rigorosa, crítica e contextualizada, capaz de subsidiar práticas pedagógicas inclusivas e inovadoras. A integração entre análise bibliográfica e documental permitiu compreender os desafios e potencialidades da aprendizagem de estudantes com DSG/DEA, consolidando a base teórica e empírica do artigo.

2.2. DISTÚRBIOS DE SINTAXE DA GRAMÁTICA (DSG)

Os Distúrbios de Sintaxe da Gramática representam desafios significativos para a aprendizagem da linguagem escrita, interferindo diretamente na organização das frases e na construção textual dos estudantes. Lemle (2000) enfatiza que a competência sintática não se limita ao domínio de regras gramaticais, mas envolve a capacidade de estruturar sentenças de forma coerente e funcional. Alunos com DSG enfrentam obstáculos que extrapolam simples erros ortográficos, refletindo limitações no processamento linguístico e na internalização de padrões estruturais da língua. A compreensão dessas dificuldades requer análise detalhada das habilidades cognitivas, linguísticas e metalinguísticas envolvidas, permitindo intervenção pedagógica direcionada.

> O desenvolvimento da linguagem escrita em estudantes com Distúrbios de Sintaxe da Gramática evidencia a necessidade de intervenções pedagógicas estruturadas, capazes de mapear defasagens sintáticas específicas e promover estratégias de mediação que articulem o conhecimento gramatical à prática contextualizada da escrita. (Monteiro, 2026, p. 12, grifos neste artigo)

> A integração de tecnologias educacionais de baixo custo e metodologias ativas na abordagem de Distúrbios de Sintaxe da Gramática revela-se fundamental para ampliar a participação do aluno, oferecendo múltiplas oportunidades de experimentar e reorganizar estruturas gramaticais complexas de forma autônoma e reflexiva. (Ischkanian, 2026, p. 12, grifos neste artigo)

> A aplicação de práticas pedagógicas centradas no aluno com Distúrbios de Sintaxe da Gramática demonstra que o desenvolvimento da sintaxe não é apenas um processo de memorização de regras, mas envolve o engajamento crítico, a consciência metalinguística e a construção progressiva de coerência textual em contextos reais de aprendizagem. (Cabral, 2026, p. 12, grifos neste artigo)

> Estudos sobre Distúrbios de Sintaxe da Gramática indicam que a análise detalhada das produções escritas permite identificar padrões recorrentes de erro, fornecendo subsídios para a implementação de intervenções diferenciadas que considerem os ritmos, interesses e trajetórias individuais de cada estudante. (Marinho, 2026, p. 12, grifos neste artigo)

> O acompanhamento sistemático de alunos com Distúrbios de Sintaxe da Gramática mostra que a combinação entre recursos tecnológicos, práticas colaborativas e feedback contínuo fortalece a internalização de estruturas sintáticas, permitindo que os estudantes desenvolvam maior autonomia e confiança na produção textual. (Carvalho, 2026, p. 13, grifos neste artigo)

> A investigação sobre dificuldades sintáticas evidencia que erros recorrentes na construção de frases são reflexo de processos cognitivos complexos, e que o sucesso da intervenção pedagógica depende da articulação entre compreensão teórica da linguagem e estratégias de ensino contextualizadas. (Carvalho, 2026, p. 13, grifos neste artigo)

> A mediação pedagógica em casos de Distúrbios de Sintaxe da Gramática requer não apenas atenção aos aspectos gramaticais, mas também o estímulo à criatividade linguística e à capacidade do estudante de experimentar combinações sintáticas inovadoras dentro de padrões comunicativos coerentes. (Rodrigues, 2026, p. 13, grifos neste artigo)

> O estudo das manifestações sintáticas em alunos com Distúrbios de Sintaxe da Gramática revela que intervenções individualizadas, aliadas a práticas de leitura, escrita e revisão contínua, são capazes de transformar déficits percebidos em oportunidades de aprendizado significativo e desenvolvimento metalinguístico. (Carvalho, 2026, p. 13, grifos neste artigo)

> A utilização de estratégias educacionais inovadoras, incluindo cultura maker, jogos de linguagem e recursos digitais adaptativos, evidencia que a superação de dificuldades de sintaxe depende de experiências de aprendizagem diversificadas, contextualizadas e profundamente interativas. (Ischkanian, 2026, p. 13, grifos neste artigo)

A manifestação dos DSG se caracteriza por produções escritas marcadas por erros sistemáticos na concordância verbal e nominal, inadequação do uso de tempos verbais e desorganização sintática das orações. Nakayama (2007) aponta que tais características não decorrem de falta de inteligência ou motivação, mas de disfunções específicas na aquisição e aplicação de estruturas gramaticais complexas. Essa distinção torna fundamental que o educador reconheça padrões de dificuldade persistentes, evitando interpretações equivocadas que atribuam responsabilidades ao aluno por falhas inerentes ao seu perfil linguístico.

A identificação precoce do DSG é um fator determinante para o sucesso das estratégias educacionais. Oliveira et al. (2026) destacam que a observação sistemática e o uso de instrumentos de avaliação específicos possibilitam mapear competências e lacunas na linguagem escrita, permitindo que intervenções pedagógicas sejam calibradas às necessidades individuais. Esse acompanhamento contínuo é essencial, pois cada estudante apresenta combinações singulares de dificuldades sintáticas, exigindo soluções adaptativas e personalizadas.

O papel do professor transcende a mera correção de erros; é necessário promover ambientes que incentivem a experimentação linguística e a reflexão sobre a construção das frases. Ischkanian et al. (2026) demonstram que o uso de metodologias ativas, como cultura maker e recursos tecnológicos de baixo custo, contribui para o engajamento e o desenvolvimento de competências sintáticas, estimulando o aluno a reorganizar estruturas gramaticais de forma autônoma. A tecnologia serve como mediadora, ampliando oportunidades de prática contextualizada e de feedback imediato.

A articulação entre teoria linguística e prática pedagógica revela-se estratégica na abordagem de DSG. Morales (2022) sugere que a análise sistemática das produções escritas permite detectar padrões recorrentes e desvios estruturais, oferecendo base para intervenções pedagógicas

mais assertivas. Essa perspectiva evidencia a necessidade de formação docente específica, capaz de integrar conhecimento linguístico, estratégias didáticas e uso crítico de recursos digitais.

O impacto do DSG sobre o desenvolvimento acadêmico é profundo, influenciando não apenas a escrita, mas também a leitura, a compreensão textual e a capacidade de expressão oral. Nakayama (2007) afirma que dificuldades sintáticas podem desencadear processos de frustração, diminuição da autoestima e resistência à escrita, afetando a motivação do estudante e a sua participação no ambiente escolar. Nesse contexto, a inclusão de práticas pedagógicas sensíveis e adaptadas torna-se imperativa para promover equidade e participação plena.

A literatura aponta que estratégias de ensino que incorporam jogos linguísticos, atividades colaborativas e análise de textos autênticos favorecem o desenvolvimento da competência sintática. Ischkanian et al. (2022) destacam que experiências de aprendizagem interativas permitem ao aluno explorar diferentes formas de estruturar frases, tornando o processo de correção mais reflexivo e menos punitivo. O estímulo à experimentação fortalece a compreensão das regras gramaticais, promovendo internalização mais consistente das estruturas da língua.

O uso de tecnologias emergentes, como inteligência artificial e plataformas digitais adaptativas, amplia as possibilidades de personalização do ensino para alunos com DSG. Ischkanian et al. (2026) evidenciam que ferramentas digitais podem fornecer feedback instantâneo, exercícios graduais e monitoramento detalhado, criando percursos de aprendizagem individualizados. A integração entre tecnologias, mediação docente e práticas pedagógicas inclusivas potencializa o desenvolvimento da linguagem escrita e promove autonomia no estudante.

A abordagem multidimensional do DSG requer atenção às dimensões cognitivas, socioemocionais e linguísticas, buscando compreender o aluno em sua totalidade. Oliveira et al. (2026) argumentam que intervenções eficazes devem considerar interesses, ritmos e experiências prévias, permitindo que a aprendizagem seja significativa e motivadora. O reconhecimento da diversidade de perfis linguísticos contribui para construção de estratégias pedagógicas mais equitativas e inclusivas, fortalecendo o processo educativo.

Investigar os DSG implica reconhecer a complexidade do desenvolvimento sintático e a interdependência entre linguagem, cognição e contexto social. Ischkanian (2021) destaca que o trabalho pedagógico deve articular teoria e prática, promovendo o uso de recursos estruturantes, portfólios reflexivos e atividades contextualizadas. Dessa forma, a intervenção não apenas corrige falhas isoladas, mas constrói competências duradouras, ampliando a capacidade do estudante de produzir textos coerentes, organizados e comunicativamente eficazes.

2.3. DISTÚRBIOS ESPECÍFICOS DA APRENDIZAGEM (DEA)

O estudo sobre Distúrbios Específicos da Aprendizagem evidencia a complexidade do processo de aquisição de habilidades escolares, particularmente na leitura, escrita e matemática, que

se manifesta independentemente do nível intelectual global do estudante, indicando que fatores cognitivos e neuropsicológicos específicos desempenham papel central no desempenho acadêmico (Carvalho et al., 2026). A compreensão desses distúrbios exige abordagem detalhada sobre a forma como o cérebro processa informações linguísticas e simbólicas, além de um olhar atento às interações sociais e contextos educativos que podem amplificar ou minimizar dificuldades individuais.

> O acompanhamento individualizado de estudantes com DEA evidencia que intervenções pedagógicas planejadas, que combinam análise diagnóstica, estratégias metacognitivas e atividades adaptadas, promovem progressos significativos no desenvolvimento de competências acadêmicas básicas e complexas (Monteiro, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> A integração de tecnologias educacionais, metodologias ativas e práticas de ensino personalizadas permite que alunos com DEA desenvolvam autonomia, engajamento e habilidades de autorregulação, garantindo maior equidade no processo de aprendizagem (Ischkanian, 2026, p.15, grifos neste artigo).
>
> O uso de ferramentas digitais e recursos pedagógicos inclusivos contribui para a construção de ambientes de aprendizagem flexíveis, capazes de atender às necessidades específicas de estudantes com DEA e favorecer a consolidação de habilidades cognitivas e linguísticas (Cabral, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> Estratégias baseadas no Desenho Universal para a Aprendizagem e adaptação de conteúdos revelam-se fundamentais para ampliar a acessibilidade curricular e possibilitar que alunos com DEA alcancem desempenho acadêmico condizente com suas potencialidades (Marinho, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> A reflexão crítica sobre práticas pedagógicas direcionadas a DEA indica que a formação docente, combinada com acompanhamento contínuo e avaliação diferenciada, fortalece a capacidade de intervenção assertiva e promove a inclusão efetiva em sala de aula (Carvalho, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> Intervenções educacionais que consideram os ritmos individuais de aprendizagem e a diversidade cognitiva permitem que estudantes com DEA desenvolvam competências de leitura, escrita e matemática de forma gradual, consistente e contextualizada (Carvalho, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> A aplicação de metodologias ativas, cultura maker e recursos de baixo custo mostra-se eficaz na promoção de engajamento, experimentação e construção autônoma do conhecimento para alunos diagnosticados com DEA (Rodrigues, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> O planejamento interdisciplinar, que articula conteúdos, práticas pedagógicas e avaliação adaptativa, permite que estudantes com DEA experienciem um aprendizado mais inclusivo, reflexivo e significativo, potencializando sua formação integral (Carvalho, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> A incorporação de tecnologias digitais emergentes, aliadas a estratégias pedagógicas inovadoras, contribui para a personalização do ensino e a mitigação de dificuldades específicas de aprendizagem, fortalecendo o protagonismo do estudante (Ischkanian, 2026, p. 15, grifos neste artigo).
>
> A análise crítica da aprendizagem de alunos com DEA evidencia que intervenções estruturadas, contínuas e fundamentadas em evidências pedagógicas promovem não apenas a aquisição de habilidades acadêmicas, mas o desenvolvimento de competências socioemocionais e cognitivas essenciais (Carvalho, 2026, p. 15, grifos neste artigo).

A análise de trajetórias de aprendizagem de estudantes com DEA revela que barreiras estruturais e pedagógicas podem reforçar lacunas cognitivas, exigindo intervenções planejadas e

adaptativas, que considerem os diferentes ritmos de processamento de cada indivíduo (Carvalho, 2006). O papel do professor transcende a transmissão de conteúdos, demandando conhecimento sobre estratégias de ensino inclusivo, avaliação contínua e utilização de recursos que permitam ao aluno experimentar, revisar e consolidar aprendizagens com autonomia progressiva.

A literatura aponta que o desenho universal para a aprendizagem (DUA) constitui ferramenta essencial na mitigação de dificuldades de aprendizagem, pois oferece múltiplos meios de engajamento e representação, permitindo que estudantes com DEA acessem conteúdos de forma flexível e significativa (Carvalho et al., 2026). Este paradigma reforça que o desenvolvimento de competências acadêmicas não depende apenas da repetição de exercícios, mas da adaptação dos recursos pedagógicos à singularidade de cada estudante.

A investigação qualitativa sobre DEA revela que a interação entre currículos contextualizados e estratégias interdisciplinares potencializa a compreensão e aplicação dos conhecimentos, estimulando a autonomia cognitiva e a autoeficácia do aluno (Carvalho et al., 2026). Ao integrar experiências práticas com reflexões conceituais, o estudante desenvolve habilidades metacognitivas que permitem reconhecer suas dificuldades e propor soluções próprias, fortalecendo a aprendizagem significativa.

Estudos documentais e revisões sistemáticas indicam que a identificação precoce de DEA, combinada a avaliações contínuas, é decisiva para prevenir acúmulo de defasagens e promover intervenções pedagógicas precisas (Fávero & Centenaro, 2019; Galvão & Ricarte, 2019). A análise criteriosa de relatórios escolares, produções escritas e registros de acompanhamento pedagógico permite traçar diagnósticos mais fiéis, possibilitando o planejamento de estratégias individualizadas de ensino e aprendizagem.

O desafio central na abordagem de DEA está na articulação entre teoria e prática pedagógica, requerendo que os educadores compreendam os processos cognitivos subjacentes às dificuldades de leitura e escrita, incluindo percepção fonológica, memória de trabalho e raciocínio sequencial (Carvalho, 2003). Este conhecimento fundamenta a seleção de atividades que não apenas reproduzam habilidades já adquiridas, mas estimulem a construção progressiva de competências emergentes.

Investigações sobre a aprendizagem inclusiva destacam que tecnologias assistivas e recursos digitais de baixo custo podem transformar o engajamento do estudante com DEA, fornecendo alternativas concretas para acessar e reorganizar conteúdos complexos (Creswell, 2021; Furtado & Santos, 2004). A incorporação de softwares educativos, plataformas interativas e ambientes digitais adaptativos contribui para uma abordagem pedagógica mais personalizada e eficaz, ampliando a capacidade de expressão e compreensão.

A reflexão sobre práticas pedagógicas voltadas a DEA evidencia a necessidade de formação docente contínua, capacitando professores para identificar sinais de dificuldades específicas e

implementar estratégias preventivas e corretivas, promovendo equidade no aprendizado (Carvalho et al., 2026). O desenvolvimento profissional deve contemplar conhecimento sobre metodologias ativas, avaliação diferenciada e adaptação de materiais, garantindo que cada aluno tenha oportunidades reais de progresso.

A análise interdisciplinar da aprendizagem demonstra que a integração de linguística, psicologia educacional e pedagogia permite compreender as inter-relações entre déficit cognitivo específico e desempenho acadêmico, orientando práticas inclusivas e contextualizadas (Carvalho et al., 2026). Este enfoque fortalece a capacidade de intervenção pedagógica baseada em evidências, promovendo não apenas a aquisição de competências, mas o desenvolvimento integral do estudante.

A compreensão profunda de Distúrbios Específicos da Aprendizagem implica reconhecer que cada dificuldade revela singularidades cognitivas e contextuais que devem ser respeitadas no planejamento educacional, possibilitando a construção de experiências de ensino inclusivas, eficazes e transformadoras (Carvalho, 2006). A articulação entre avaliação contínua, estratégias diversificadas e recursos tecnológicos evidencia a necessidade de uma educação sensível, centrada no aluno e capaz de promover aprendizado significativo mesmo diante de limitações específicas.

2.4. COMPLEXIDADE DO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA

O desenvolvimento da linguagem escrita em estudantes com DSG/DEA demanda atenção às múltiplas dimensões cognitivas que permeiam o processo de aquisição e construção textual, uma vez que cada indivíduo apresenta padrões distintos de processamento linguístico e organizacional, o que interfere diretamente na capacidade de formular frases coerentes e coesas (Cabral, 2023, p. 53-75). A compreensão desses aspectos exige uma abordagem pedagógica que considere não apenas os conteúdos gramaticais, mas também a articulação entre linguagem, pensamento e contexto social do aprendiz, promovendo intervenções mais eficazes.

A dimensão emocional desempenha papel central na aprendizagem da escrita, pois a autoestima, a motivação e a percepção de autoeficácia influenciam significativamente a produção textual e a persistência frente a erros recorrentes (Cabral, 2025). Alunos com DEA, por exemplo, frequentemente enfrentam frustrações que podem impactar negativamente a escrita, exigindo estratégias pedagógicas sensíveis que integrem acompanhamento contínuo e feedback construtivo.

O aspecto social do desenvolvimento da escrita reflete a necessidade de práticas colaborativas que favoreçam a construção de sentido por meio da interação com pares e docentes (Cabral, 2023). A participação em atividades de leitura compartilhada, debates e oficinas de escrita possibilita que o estudante negocie significados, internalize normas linguísticas e desenvolva repertórios expressivos diversificados, essenciais para a proficiência escrita.

As competências cognitivas, como memória de trabalho, atenção sustentada e raciocínio lógico, são determinantes na aprendizagem da escrita, especialmente em contextos de DSG/DEA, nos

quais processos de codificação e decodificação apresentam irregularidades (Cabral et al., 2025). O reconhecimento dessas limitações permite ao professor adaptar tarefas, fragmentar instruções e estruturar sequências de aprendizagem que respeitem o ritmo individual de cada aluno.

Estratégias pedagógicas inovadoras, incluindo metodologias ativas, cultura maker e uso de tecnologias digitais, demonstram potencial para ampliar o engajamento e consolidar habilidades de escrita em estudantes com dificuldades específicas (Cabral et al., 2025). Recursos digitais interativos, softwares de correção textual e plataformas de gamificação incentivam a experimentação, o erro produtivo e a reflexão sobre a própria produção, promovendo autonomia e confiança do aprendiz.

A articulação entre linguagem escrita e conhecimento de mundo exige que os professores contextualizem as atividades de escrita, conectando conteúdos escolares a experiências concretas e significativas (Cabral, 2023). Essa abordagem possibilita que o aluno não apenas reproduza normas gramaticais, mas compreenda a função social da escrita, construindo textos coerentes que dialoguem com diferentes contextos comunicativos.

A complexidade do desenvolvimento da escrita também se manifesta na interdependência entre leitura e produção textual, considerando que a capacidade de interpretar textos ricos e variados influencia diretamente a organização de ideias e a escolha lexical (Cabral et al., 2025). Programas de leitura estruturada, análise de gêneros textuais e atividades de reescrita orientada contribuem para a internalização de padrões sintáticos e discursivos.

Intervenções centradas em análise diagnóstica contínua possibilitam mapear lacunas específicas em cada estudante, permitindo ajustes pedagógicos precisos e adaptados às necessidades individuais (Cabral et al., 2025). A avaliação processual, acompanhada de registros detalhados sobre erros frequentes e avanços graduais, fornece subsídios para a tomada de decisão pedagógica fundamentada e direcionada ao desenvolvimento integral do aluno.

A integração de inteligência emocional e estratégias metacognitivas na prática docente fortalece a capacidade do estudante de autorregular sua escrita, planejar textos e revisar produções de forma crítica e reflexiva (Cabral, 2025). O cultivo da consciência sobre os próprios processos de aprendizagem favorece não apenas a correção de erros, mas a construção de estratégias pessoais que ampliam a competência comunicativa.

A promoção de um ambiente de aprendizagem inclusivo, colaborativo e tecnologicamente mediado representa um elemento central na construção da proficiência escrita em contextos de DSG/DEA, exigindo que docentes combinem conhecimento pedagógico, sensibilidade às necessidades individuais e domínio de ferramentas inovadoras (Cabral et al., 2025). A abordagem integrada fortalece a autonomia do estudante, possibilita a superação de dificuldades e cria oportunidades para a expressão de habilidades cognitivas, linguísticas e socioemocionais de forma plena.

2.5. IMPACTOS EDUCACIONAIS E PARTICIPAÇÃO ATIVA

A presença de Distúrbios de Sintaxe da Gramática e Distúrbios Específicos da Aprendizagem interfere de maneira significativa na experiência escolar, afetando o engajamento e a autoestima dos estudantes, os quais necessitam de intervenções pedagógicas diferenciadas para desenvolverem competências essenciais (Oliveira et al., 2026). A compreensão das barreiras enfrentadas por esses alunos permite que o planejamento educacional se torne mais sensível, articulando estratégias que respeitem ritmos individuais e promovam oportunidades equitativas de aprendizagem.

O engajamento ativo em sala de aula não depende apenas da disposição do aluno, mas da capacidade do docente de criar ambientes que combinem desafios adequados, apoio constante e recursos diversificados (Silva et al., 2026). Atividades que promovam a experimentação, a investigação e o uso de tecnologias assistivas contribuem para que estudantes com DSG/DEA sintam-se participantes legítimos do processo educativo, minimizando sentimentos de frustração ou exclusão.

A autoestima acadêmica emerge como fator determinante na aprendizagem, considerando que estudantes que percebem sucesso em suas produções textuais demonstram maior persistência e motivação (Cabral, 2023). O acompanhamento individualizado permite identificar conquistas mesmo em pequenos progressos, reforçando a confiança do aluno e estabelecendo uma base sólida para a ampliação de habilidades cognitivas e socioemocionais.

Estratégias pedagógicas inclusivas, baseadas no Desenho Universal para a Aprendizagem, destacam-se como mecanismos eficazes para atender diferentes perfis de aprendizagem, integrando adaptações de recursos e metodologias ativas (Carvalho et al., 2026). A flexibilização de tarefas, o uso de materiais concretos e digitais e a personalização do ensino constituem elementos essenciais para que todos os estudantes possam participar ativamente de atividades de leitura e escrita.

A mediação docente desempenha papel central ao articular conteúdos curriculares e contextos de vida do aluno, favorecendo aprendizagens significativas e motivadoras (Ischkanian et al., 2026). Essa aproximação contextual permite que o estudante perceba a relevância da escrita como instrumento de expressão, comunicação e resolução de problemas, fortalecendo o vínculo entre desenvolvimento cognitivo e social.

O uso de tecnologias digitais emergentes e recursos de baixo custo oferece oportunidades para a participação efetiva de alunos com DSG/DEA, ampliando possibilidades de interação, feedback e experimentação (Oliveira et al., 2026). Ferramentas digitais adaptativas podem simular situações de escrita complexas, oferecer correções em tempo real e promover experiências que seriam inviáveis em abordagens tradicionais, elevando o nível de engajamento.

A integração entre atividades individuais e coletivas revela que o aprendizado compartilhado contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, como empatia, colaboração e

comunicação (Viana et al., 2026). O trabalho em pares ou grupos permite que estudantes com dificuldades específicas observem estratégias de colegas, internalizem padrões de produção textual e desenvolvam confiança para participar ativamente do processo educativo.

A avaliação processual e formativa torna-se indispensável, pois possibilita ajustes pedagógicos contínuos e suporte individualizado, respeitando as singularidades de cada aluno (Silva et al., 2026). O registro detalhado de avanços e dificuldades permite ao docente intervir de maneira oportuna, evitando lacunas cumulativas e favorecendo a progressão consistente das competências de escrita e leitura.

A cultura maker e metodologias baseadas em projetos representam estratégias inovadoras que fortalecem a participação ativa de todos os estudantes, promovendo engajamento, criatividade e autonomia (Ischkanian et al., 2026). Ao permitir que o aluno seja protagonista de seu próprio aprendizado, essas abordagens minimizam a exclusão e ampliam a compreensão de que a escrita é um instrumento dinâmico e socialmente significativo.

A promoção da equidade educacional exige que docentes e instituições adotem práticas inclusivas consistentes, que considerem tanto as demandas cognitivas quanto socioemocionais de alunos com DSG/DEA, favorecendo participação plena e desenvolvimento integral (Oliveira et al., 2026). A construção de espaços educativos que valorizem diferenças individuais e fortaleçam habilidades críticas, criativas e colaborativas consolida a aprendizagem como experiência transformadora e cidadã.

2.6. INTEGRAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS E TRADICIONAIS

A articulação entre métodos tradicionais de ensino e metodologias ativas tem se mostrado essencial para potencializar a aprendizagem de escrita, uma vez que cada abordagem oferece contribuições complementares que enriquecem o desenvolvimento cognitivo e socioemocional do estudante (Cabral, 2022). Ao mesclar momentos de instrução direta com experiências práticas de cultura maker, storytelling ou gamificação, o aluno é convidado a participar de forma mais crítica e reflexiva do processo educativo, consolidando conceitos e habilidades de maneira significativa.

A implementação de estratégias como gamificação não se limita a tornar o aprendizado mais lúdico, mas promove a internalização de conteúdos complexos por meio de desafios graduais, feedback constante e construção coletiva de conhecimento (Cabral et al., 2024a). Essa abordagem estimula a autonomia do estudante, permitindo que ele desenvolva competências de planejamento, tomada de decisão e autoavaliação, elementos fundamentais para a consolidação da escrita e de outras habilidades acadêmicas.

O storytelling emerge como ferramenta poderosa para a expressão escrita, pois conecta a aprendizagem a experiências concretas e significativas, favorecendo a articulação entre pensamento crítico e criatividade (Cabral, 2023). Quando os alunos são estimulados a narrar histórias próprias ou

coletivas, ocorre não apenas o desenvolvimento de habilidades linguísticas, mas também a ampliação de repertório cultural e socioemocional, fortalecendo a construção de sentido sobre o conhecimento.

A cultura maker promove a aprendizagem por meio da experimentação, construção e prototipagem, permitindo que estudantes transformem ideias em objetos concretos, o que repercute positivamente na compreensão de estruturas textuais e argumentativas (Ischkanian et al., 2026). Ao relacionar ações práticas à análise e organização da linguagem, o aluno consegue visualizar a escrita como processo dinâmico, integrando teoria, prática e reflexão crítica.

A integração das metodologias requer atenção ao planejamento pedagógico, de modo a garantir que atividades tradicionais e ativas não operem de forma isolada, mas se complementem (Carvalho et al., 2026). A articulação entre instrução sistemática e experiências de aprendizado contextualizadas possibilita que os estudantes construam significados próprios, conectando conceitos abstratos a situações reais e estimulando a aplicação de estratégias metacognitivas durante a produção textual.

O uso de tecnologias digitais e ferramentas de baixo custo potencializa essa integração, oferecendo recursos adaptáveis às necessidades de alunos com diferentes ritmos de aprendizagem (Cabral et al., 2025). Softwares educativos, ambientes virtuais de aprendizagem e aplicativos de apoio permitem simular situações complexas de escrita, apresentar feedback imediato e registrar o progresso individual, fortalecendo o engajamento e ampliando a participação ativa do estudante.

A avaliação formativa ganha centralidade nesse contexto, pois atua como mecanismo de monitoramento contínuo, permitindo ajustes pedagógicos e incentivo a melhorias graduais (Silva et al., 2026). Ao observar o desempenho dos alunos durante atividades práticas e tradicionais, o docente consegue identificar lacunas de compreensão, direcionar intervenções específicas e valorizar conquistas, promovendo um ciclo de aprendizagem consistente e motivador.

A inteligência emocional e a percepção de competência do estudante também se mostram determinantes para o sucesso da integração metodológica, pois influenciam a disposição para enfrentar desafios e persistir na construção de textos complexos (Cabral, 2025). O desenvolvimento de habilidades socioemocionais contribui para que os alunos gerenciem frustrações, colaborem com colegas e assumam protagonismo em seu próprio aprendizado, ampliando o impacto das metodologias aplicadas.

Metodologias ativas e tradicionais, quando articuladas, promovem experiências de aprendizagem contextualizadas, inclusivas e diversificadas, possibilitando a participação plena de todos os estudantes (Oliveira et al., 2026). Essa integração fortalece não apenas a competência linguística, mas também a capacidade de argumentação, análise crítica e criatividade, tornando o processo educativo mais significativo, dinâmico e sustentável.

A construção de práticas pedagógicas híbridas exige que educadores reflitam sobre o papel de cada abordagem, considerando os desafios e potenciais de cada estratégia para maximizar o

aprendizado (Carvalho et al., 2026). A combinação de instrução estruturada, projetos maker, gamificação e storytelling permite que estudantes se apropriem do conhecimento de forma ativa e reflexiva, consolidando a escrita como instrumento de expressão, comunicação e transformação social.

2.7. USO DE TECNOLOGIAS ASSISTIVAS E RECURSOS INOVADORES

O uso de tecnologias assistivas no contexto da educação inclusiva transforma a dinâmica de ensino, oferecendo caminhos alternativos para a participação de estudantes com DSG/DEA (Nakayama, 2007). Dispositivos adaptativos, softwares educativos e ferramentas digitais ampliam a capacidade de comunicação e expressão do aluno, possibilitando que ele acesse conteúdos de forma personalizada e realize atividades que antes eram restritas pela limitação de recursos convencionais.

Ferramentas de baixo custo e recursos maker favorecem a experimentação prática, conectando teoria e ação, e fortalecendo a construção de significados a partir da própria experiência do estudante (Oliveira et al., 2026). Ao permitir que os alunos desenvolvam protótipos, jogos ou narrativas digitais, essas tecnologias promovem engajamento e autonomia, integrando o aprendizado cognitivo às habilidades socioemocionais de maneira concreta e mensurável.

A incorporação de softwares educativos especializados contribui para o monitoramento contínuo do progresso individual, oferecendo feedback imediato e registros detalhados de desempenho (Silva et al., 2026). Esses mecanismos fortalecem a avaliação formativa, permitindo que professores identifiquem lacunas de aprendizagem e ajustem intervenções pedagógicas em tempo real, garantindo que todos os estudantes avancem em seu próprio ritmo.

O design universal para a aprendizagem se beneficia diretamente de tecnologias assistivas, pois essas ferramentas permitem adaptações significativas em conteúdos, métodos e avaliação (Oliveira et al., 2026). Quando os recursos são incorporados de forma intencional e planejada, cada aluno pode acessar os conteúdos com base em suas necessidades específicas, promovendo equidade sem comprometer os padrões de aprendizagem.

Dispositivos digitais e aplicativos interativos fortalecem a integração de metodologias ativas, como gamificação e storytelling, ao criar cenários simulados que tornam o aprendizado mais envolvente (Oliveira et al., 2026). Essa combinação incentiva a exploração criativa e a resolução de problemas, habilidades essenciais para a escrita e para a construção de pensamento crítico, permitindo que os estudantes se apropriem do conhecimento de maneira profunda e contextualizada.

O uso de tecnologia assistiva também atua sobre aspectos emocionais, ampliando a confiança e a autoestima do estudante (Viana et al., 2026). A possibilidade de comunicar ideias de forma eficiente, participar de atividades colaborativas e experimentar diferentes recursos pedagógicos reduz a ansiedade associada a dificuldades de aprendizagem, fortalecendo a motivação intrínseca e a disposição para enfrentar desafios complexos.

O planejamento pedagógico deve considerar a diversidade de recursos tecnológicos disponíveis, escolhendo ferramentas que promovam interações significativas e respeitem os estilos de aprendizagem de cada aluno (Tonini, 2005). A reflexão crítica sobre o uso dessas tecnologias, aliada à adaptação contínua do ensino, assegura que o processo educativo não seja mecanicista, mas sim uma construção dinâmica e inclusiva do conhecimento.

A articulação entre tecnologia, currículo e metodologias ativas reforça a capacidade do educador de personalizar o ensino e criar experiências de aprendizagem diversificadas (Oliveira et al., 2026). A combinação de dispositivos digitais, softwares educativos e práticas maker permite explorar múltiplas dimensões da aprendizagem, integrando competências cognitivas, sociais e emocionais em atividades significativas e contextualizadas.

A adoção de tecnologias assistivas deve ser acompanhada de formação docente contínua, garantindo que professores compreendam suas potencialidades, limitações e possibilidades de integração com abordagens pedagógicas tradicionais e inovadoras (Nakayama, 2007). Investir no conhecimento técnico e pedagógico dos educadores assegura que os recursos tecnológicos sejam utilizados com eficácia, transformando a educação em um espaço de inclusão e protagonismo estudantil.

O potencial transformador das tecnologias assistivas se evidencia na ampliação do acesso, na promoção da equidade e no fortalecimento da aprendizagem personalizada (Morales, 2022). Quando integradas a estratégias inovadoras, essas ferramentas possibilitam que todos os estudantes participem de forma ativa e autônoma, superando barreiras históricas de exclusão e construindo trajetórias de desenvolvimento intelectual e socioemocional consistentes.

2.8. FORMAÇÃO E CAPACITAÇÃO DOCENTE

A formação docente representa um eixo central na promoção de práticas pedagógicas inclusivas e sensíveis à diversidade de perfis de aprendizagem. Estudos indicam que professores capacitados para identificar as singularidades cognitivas e emocionais de seus alunos conseguem implementar estratégias mais eficazes e individualizadas (Nakayama, 2007). Esse preparo não se limita à transmissão de conteúdos, mas envolve o desenvolvimento de competências reflexivas, críticas e criativas, que permitem aos docentes adaptar metodologias tradicionais e inovadoras às necessidades específicas de cada estudante.

A aquisição de habilidades voltadas para a educação inclusiva demanda treinamento contínuo, combinado a experiências práticas e supervisionadas, que promovam a aplicação imediata do conhecimento em contextos reais (Oliveira et al., 2026). O engajamento em projetos que integrem tecnologias educacionais, recursos maker ou ferramentas de baixo custo fortalece a compreensão do impacto dessas estratégias no processo de aprendizagem, ampliando a capacidade de intervenção pedagógica de maneira fundamentada.

A reflexão sobre o próprio exercício docente emerge como componente indispensável da capacitação, uma vez que permite o reconhecimento de limitações e o aprimoramento de técnicas pedagógicas (Cabral, 2022). Quando os professores desenvolvem a capacidade de analisar criticamente suas escolhas metodológicas, tornam-se agentes ativos na construção de um currículo dinâmico e adaptável, capaz de promover equidade e participação plena de todos os alunos.

A integração de metodologias ativas com práticas inclusivas exige que o professor possua repertório diversificado de estratégias cognitivas e socioemocionais (Cabral, 2023). Isso inclui o uso de storytelling, gamificação e dispositivos tecnológicos que ampliem a acessibilidade, criando ambientes de aprendizagem motivadores e personalizados. A formação docente deve contemplar não apenas o domínio técnico dessas ferramentas, mas também a reflexão sobre seus efeitos pedagógicos e éticos.

A competência para analisar e interpretar perfis de aprendizagem torna-se essencial em contextos de grande diversidade estudantil, permitindo ao professor planejar atividades que favoreçam tanto o desenvolvimento acadêmico quanto o emocional (Cabral, 2025). A capacidade de reconhecer sinais de dificuldades específicas, compreender barreiras de comunicação e propor intervenções assertivas diferencia o docente preparado daquele que atua de forma reativa e generalizada.

A construção de competências digitais emerge como elemento crítico na formação contemporânea, dado o papel crescente da tecnologia na personalização do ensino (Ischkanian et al., 2026). Professores familiarizados com softwares educativos, inteligência artificial e ferramentas assistivas podem desenvolver sequências didáticas mais flexíveis e inclusivas, ajustando recursos e métodos de acordo com o progresso individual de cada aluno.

O trabalho colaborativo entre docentes se configura como estratégia de ampliação da expertise pedagógica, favorecendo a troca de experiências, reflexão conjunta e desenvolvimento de práticas inovadoras (Carvalho et al., 2026). Ambientes de aprendizagem profissional estruturados em comunidades de prática estimulam a experimentação, a resolução de problemas complexos e a articulação entre teoria e prática, reforçando a capacidade de adaptação do ensino a diferentes contextos e necessidades.

O acompanhamento sistemático da evolução docente, por meio de supervisão pedagógica, mentorias e autoavaliação, fortalece a aplicação consciente das metodologias inclusivas (Batista; Kumada, 2021). Esse processo possibilita que o professor perceba impactos concretos de suas intervenções, ajuste estratégias e integre novas abordagens que ampliem o engajamento e o protagonismo estudantil, assegurando resultados mais consistentes no aprendizado.

A formação reflexiva permite que os docentes desenvolvam sensibilidade para aspectos emocionais e culturais que influenciam o desempenho estudantil (Cabral, 2025). Ao compreender a diversidade de contextos e a singularidade de cada indivíduo, os professores podem intervir com

empatia, favorecendo o desenvolvimento da inteligência emocional e contribuindo para a criação de um ambiente educacional seguro, inclusivo e estimulante.

O fortalecimento contínuo da capacitação docente evidencia-se como estratégia decisiva para a construção de uma educação equitativa, inovadora e efetivamente transformadora (Oliveira et al., 2026). Professores preparados e críticos não apenas implementam metodologias inclusivas com precisão técnica, mas também moldam experiências pedagógicas que reconhecem o potencial de cada estudante, promovendo aprendizagem significativa, autonomia e participação ativa em todos os níveis do processo educativo.

2.9. FOCO NO ESTUDANTE COMO SUJEITO ATIVO

Colocar o estudante no centro do processo educativo implica reconhecer sua capacidade de agência, experiências prévias e interesses como elementos determinantes na construção do conhecimento. Pesquisas indicam que quando o educando é tratado como protagonista, ocorre maior engajamento cognitivo e emocional, favorecendo o desenvolvimento de competências críticas e éticas (Cabral, 2022). Essa centralidade transforma a aprendizagem em um processo interativo, no qual o professor atua como mediador e facilitador, estimulando a autonomia e a reflexão sobre o próprio aprendizado.

A valorização do sujeito ativo envolve compreender que o conhecimento não é apenas transmitido, mas construído coletivamente a partir das interações entre estudantes e docentes (Cabral, 2022). As experiências de vida de cada aluno constituem recursos significativos para a aprendizagem, permitindo que diferentes perspectivas se articulem e enriqueçam o ambiente escolar. Quando o currículo é sensível a essas contribuições, o ensino se torna mais contextualizado e relevante, estimulando o pensamento crítico e a criatividade.

O processo de aprendizagem centrado no educando exige que as metodologias adotadas considerem tanto o ritmo quanto os estilos individuais de aprendizagem (Cabral, 2023). Ferramentas tecnológicas, projetos colaborativos e estratégias baseadas em problemas reais permitem que o estudante explore, teste hipóteses e resolva desafios de forma autônoma, ampliando sua capacidade de tomar decisões fundamentadas e de atuar de maneira ética e responsável.

O reconhecimento da diversidade de experiências culturais e sociais constitui um pilar na consolidação do sujeito ativo na educação (Oliveira et al., 2026). Ambientes que promovem a escuta sensível e o respeito às diferenças estimulam a empatia, a cooperação e o sentido de pertencimento, favorecendo o desenvolvimento integral do aluno. Nessas condições, o aprendizado transcende a aquisição de conteúdos para englobar habilidades socioemocionais e éticas que sustentam a formação cidadã.

A participação ativa dos estudantes também potencializa o uso de metodologias ativas, como gamificação, storytelling e projetos maker, que favorecem a experimentação e a expressão criativa

(Cabral et al., 2024a). Essas estratégias promovem envolvimento direto com o conhecimento, permitindo que os alunos assumam papéis de pesquisa, planejamento e avaliação, transformando o processo educativo em um espaço de investigação e descoberta contínua.

A centralidade do estudante reforça a importância de estratégias avaliativas formativas, que valorizem o progresso individual e a reflexão sobre o próprio desempenho (Silva et al., 2026). Avaliações tradicionais, quando ajustadas para contemplar múltiplas formas de expressão e competência, permitem ao educando identificar suas fortalezas e lacunas, tornando-se agente ativo na regulação de seu aprendizado e no planejamento de estratégias de superação.

O desenvolvimento da autonomia no processo educativo exige, igualmente, atenção à inteligência emocional e à capacidade de autogerenciamento do estudante (Cabral, 2025). Quando alunos aprendem a reconhecer e regular suas emoções, estabelecem metas mais claras, enfrentam desafios de forma resiliente e participam de forma mais efetiva nas atividades coletivas, tornando o aprendizado mais significativo e transformador.

O protagonismo estudantil implica que docentes e gestores organizem experiências de aprendizagem que promovam co-criação de conhecimento e decisões compartilhadas (Carvalho et al., 2026). Espaços flexíveis, que integrem tecnologias inclusivas e recursos pedagógicos diversificados, permitem que os estudantes explorem interesses, proponham soluções e atuem na construção de um currículo vivo, capaz de dialogar com as demandas contemporâneas da sociedade.

O envolvimento do estudante como sujeito ativo também exige práticas pedagógicas inclusivas, que considerem barreiras cognitivas, comunicacionais e culturais (Oliveira et al., 2026). A adaptação de materiais, a utilização de tecnologia assistiva e a flexibilização de metodologias tornam possível que todos os alunos participem plenamente, reforçando a equidade no acesso ao conhecimento e a valorização da diversidade como recurso pedagógico.

A centralidade do estudante reafirma que a educação deve transcender a transmissão de conteúdos e privilegiar a construção compartilhada de saberes, desenvolvendo competências cognitivas, emocionais e sociais (Cabral, 2022). Essa abordagem transforma a escola em um espaço de empoderamento, no qual os alunos aprendem a interagir criticamente com o mundo, assumir responsabilidades éticas e contribuir para a criação de ambientes educativos mais democráticos e significativos.

2.10. CONTEXTUALIZAÇÃO CURRICULAR E VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE

A integração entre conteúdos curriculares e experiências concretas dos estudantes demanda uma compreensão aprofundada da realidade sociocultural em que eles estão inseridos. Estudos evidenciam que currículos flexíveis e adaptados às vivências dos alunos favorecem a construção de saberes significativos, promovendo aprendizagem contextualizada e engajamento crítico (Carvalho et

al., 2026). A atenção à diversidade de trajetórias e contextos potencializa a reflexão ética e social, permitindo que cada estudante se reconheça como protagonista do processo educativo.

O reconhecimento da diversidade linguística constitui um elemento estratégico na promoção de equidade educacional. Pesquisas indicam que práticas pedagógicas que valorizam diferentes códigos linguísticos favorecem a inclusão e fortalecem a identidade cultural dos estudantes, gerando experiências de aprendizado mais profundas e significativas (Cabral, 2023). Essa abordagem exige que o currículo se abra para múltiplas formas de expressão e compreensão, valorizando os saberes que circulam fora do contexto escolar formal.

A diversidade cognitiva representa outro eixo central para a contextualização curricular. Estudos sobre aprendizagem indicam que considerar diferentes estilos, ritmos e estratégias cognitivas permite que as atividades pedagógicas alcancem efetivamente todos os alunos (Cabral et al., 2024a). Estratégias adaptativas e recursos tecnológicos podem mediar desafios individuais, oferecendo oportunidades de participação plena e de desenvolvimento integral, ampliando as possibilidades de engajamento e autoria no aprendizado.

A contextualização do currículo também está intrinsecamente ligada à integração interdisciplinar. Pesquisas apontam que a articulação entre disciplinas, contextualizada nas experiências do estudante, favorece a compreensão complexa de fenômenos sociais e naturais, aproximando o conhecimento escolar da realidade cotidiana (Carvalho et al., 2026). Essa perspectiva incentiva o pensamento crítico e a habilidade de estabelecer relações entre diferentes áreas do saber, consolidando aprendizagens significativas e duradouras.

A valorização da diversidade cultural exige que o ambiente escolar reconheça e respeite práticas, tradições e vivências de diferentes grupos sociais. Estudos mostram que a integração de conteúdos culturais nos currículos amplia o senso de pertencimento e a autoestima dos estudantes, além de promover uma convivência escolar mais ética e solidária (Oliveira et al., 2026). A escola torna-se, portanto, um espaço de diálogo intercultural e de reflexão sobre desigualdades históricas, políticas e sociais.

O currículo contextualizado deve contemplar experiências práticas e projetos que conectem teoria e realidade, estimulando a investigação, a experimentação e a resolução de problemas concretos (Cabral, 2022). Metodologias ativas, como projetos interdisciplinares, cultura maker e gamificação, potencializam a participação dos estudantes e valorizam suas competências individuais, transformando o aprendizado em processo dinâmico e colaborativo.

A diversidade de perspectivas também requer estratégias avaliativas que reconheçam múltiplas formas de expressão e competência. Pesquisas demonstram que avaliações inclusivas, formativas e adaptativas promovem a equidade e permitem que todos os estudantes se sintam reconhecidos em suas potencialidades, fortalecendo o protagonismo estudantil (Cabral et al., 2025). Tais práticas contribuem para a construção de ambientes de aprendizagem mais justos, nos quais o

sucesso acadêmico é medido pelo desenvolvimento integral e não apenas pelo desempenho padronizado.

O papel do professor na contextualização curricular e na valorização da diversidade é decisivo. Estudos evidenciam que docentes preparados para reconhecer e integrar a diversidade cultural, linguística e cognitiva estimulam ambientes de aprendizagem mais inclusivos, criativos e críticos (Furtado e Santos, 2004). A formação contínua e reflexiva desses profissionais garante que as estratégias pedagógicas respondam às necessidades individuais e coletivas dos estudantes, promovendo equidade e desenvolvimento integral.

A utilização de tecnologias educacionais emerge como recurso fundamental para apoiar a contextualização curricular. Pesquisas indicam que ferramentas digitais, inteligência artificial e recursos de tecnologia assistiva permitem personalizar o ensino, ampliar oportunidades de participação e atender às diferentes demandas cognitivas e culturais (Ischkanian et al., 2026). A incorporação de tecnologias inovadoras fortalece o aprendizado ativo, permitindo que o estudante explore, experimente e produza conhecimento de maneira autônoma e crítica.

A articulação entre currículo, diversidade e práticas pedagógicas inclusivas evidencia que a escola pode ser um espaço transformador, capaz de respeitar diferenças, valorizar experiências e promover justiça social. Estudos apontam que contextos educativos que reconhecem a diversidade linguística, cultural e cognitiva estimulam competências críticas, éticas e colaborativas, fortalecendo o desenvolvimento integral do estudante e promovendo aprendizagens significativas para a sociedade contemporânea (Cabral, 2023). A educação contextualizada reafirma, portanto, a centralidade do aluno como sujeito ativo e protagonista de sua formação.

3. CONCLUSÃO

A compreensão das dificuldades de aprendizagem ligadas a DSG/DEA evidencia que os desafios na aquisição da linguagem escrita não devem ser encarados como barreiras definitivas, mas como oportunidades de intervenção pedagógica significativa. Reconhecer essas diferenças permite que educadores adotem abordagens sensíveis e individualizadas, promovendo avanços consistentes no desenvolvimento das competências linguísticas e cognitivas de cada estudante.

O impacto educacional dessas dificuldades se manifesta de maneira multifacetada, influenciando não apenas a leitura e a escrita, mas também a autoestima, o engajamento escolar e a interação social. Quando o ambiente escolar valoriza a diversidade e oferece recursos adaptativos, os alunos encontram condições favoráveis para superar obstáculos e desenvolver habilidades que fortalecem sua autonomia e confiança.

Estratégias pedagógicas inclusivas tornam-se centrais na mediação dessas dificuldades, permitindo que atividades sejam planejadas com atenção aos ritmos e estilos de aprendizagem. A personalização do ensino, aliada a recursos lúdicos, tecnológicos e colaborativos, transforma o

aprendizado em processo ativo, no qual cada estudante é protagonista de sua evolução, experimentando progressos concretos e motivadores.

O desenvolvimento da linguagem escrita em estudantes com DSG/DEA revela-se potencializado quando as intervenções combinam instrução direta, prática guiada e estímulos contextuais que conectem os conteúdos à realidade e aos interesses do aluno. Essa articulação entre teoria e prática favorece não apenas a aquisição de habilidades técnicas, mas também a compreensão crítica e o sentido social da escrita.

A atenção às experiências prévias e à singularidade de cada aprendiz reforça a importância de avaliações contínuas e formativas. Ao identificar progressos e dificuldades de maneira detalhada, docentes podem ajustar estratégias de ensino, garantindo que todos os estudantes avancem em seu próprio ritmo, com suporte adequado e motivação crescente.

A integração de tecnologias educativas e ferramentas de apoio amplia as possibilidades de participação e engajamento dos alunos com DSG/DEA. Recursos digitais, softwares educativos e dispositivos assistivos oferecem caminhos alternativos para explorar a linguagem escrita, estimulando a criatividade, a autonomia e a capacidade de resolver problemas de maneira inovadora.

O trabalho colaborativo entre professores, famílias e especialistas potencializa os efeitos das estratégias inclusivas, criando redes de apoio que fortalecem o aprendizado e a confiança do estudante. Quando a comunidade educativa compartilha objetivos e métodos, o processo de aprendizagem se torna mais coerente, consistente e acolhedor, favorecendo o sucesso de todos.

O acompanhamento individualizado e o planejamento pedagógico sensível às necessidades específicas dos alunos permitem que os desafios relacionados à DSG/DEA sejam enfrentados de maneira construtiva, transformando dificuldades em oportunidades de crescimento. A valorização do progresso gradual e da diversidade de caminhos de aprendizagem promove resiliência, autonomia e protagonismo estudantil.

Ao considerar os impactos educacionais de forma abrangente, percebe-se que a implementação de estratégias inclusivas não apenas minimiza os obstáculos decorrentes das dificuldades específicas de aprendizagem, mas também promove a equidade na experiência escolar. A atenção às particularidades do desenvolvimento da linguagem escrita, especialmente em alunos com DSG/DEA, exige que o currículo seja flexível e sensível às múltiplas formas de expressão e compreensão. Essa abordagem amplia o espaço para que cada estudante se engaje ativamente no processo de construção do conhecimento, fortalecendo habilidades cognitivas, sociais e emocionais de maneira integrada.

O reconhecimento da diversidade cognitiva e linguística dentro da sala de aula revela-se fundamental para a construção de ambientes estimulantes, nos quais o aprendizado se transforma em experiência participativa e significativa. Estratégias pedagógicas que contemplam recursos tecnológicos, metodologias ativas e práticas colaborativas permitem que os estudantes superem

limitações pontuais e explorem potencialidades individuais. O efeito dessas ações extrapola a aquisição de competências básicas, contribuindo para a formação de sujeitos críticos, autônomos e confiantes, capazes de interagir com diferentes contextos culturais e sociais de maneira consciente e responsável.

A consolidação de práticas inclusivas e sensíveis às necessidades de cada aprendiz reforça a ideia de que a escola pode ser um espaço de oportunidades reais para todos. Quando docentes, famílias e gestores educacionais articulam esforços para oferecer acompanhamento personalizado e experiências contextualizadas, a aprendizagem se transforma em processo contínuo de crescimento e realização. Essa perspectiva reafirma que o desenvolvimento pleno, a participação ativa e a concretização acadêmica não são privilégios, mas resultados possíveis quando a diversidade é valorizada, as diferenças são respeitadas e os desafios são enfrentados com planejamento, criatividade e compromisso pedagógico.

REFERÊNCIAS

BATISTA, L. S; KUMADA, K. M. O. **Análise metodológica sobre as diferentes configurações da pesquisa bibliográfica.** Revista Brasileira de Iniciação Científica (RBIC), IFSP Itapetininga, v. 8, e021029, p. 1-17, 2021.

CABRAL, G. N. A **importância da aprendizagem de idiomas e os podcasts como ferramentas tecnológicas e de apoio nesse processo.** In: Psicologia, tecnologias e educação: reflexões contemporâneas, v. III. (Org) Gladys Nogueira CABRAL; Joselita Silva Brito RAIMUNDO,3. Ed. Alegrete: Terried, 2023, p. 53-75. ISBN 978-65-84959-26-2. Disponível em:https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-5513b2bdae61.usrfiles.com/ugd/03aaa5_e01eddd10e224173a71a8408b289a3ab.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

CABRAL, G. N. **A influência da inteligência emocional no controle das emoções do indivíduo no ambiente de trabalho.** Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025.70 p. Disponível em:https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/973071/2/A%20influ%c3%aancia%20da%20inteli g%c3%aancia%20emocional.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

CABRAL, G. N. **A Psicologia e a saúde mental em alunos com dificuldades de aprendizagem: proposta de intervenção com uso da tecnologia. In: Psicologia, tecnologias e educação: novas perspectivas**. v. II. (Org.) Gladys Nogueira Cabral: Joselita Silva Brito Raimundo, 2ªed. Alegrete, RS: Editora Terried, 2023. Disponível em: https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-5513b2bdae61.usrfiles.com/ugd/03aaa5_62a44e1f54c54ac38fbc8c8a20213a3d.pdf#page=11.00 Acesso em: 27 jan. 2026.

CABRAL, G. N. **As metodologias ativas no processo educativo.** In: D. A. DOS SANTOS; H.C. O. DA COSTA (Org.). Educação e Aprendizagem: Abordagens Baseadas em Evidências. 1ed. Itapiranga, SC:SCHREIBEN, v. 1, p. 114-122. 2022. Disponível em: https://www.editoraschreiben.com/_files/ugd/e7cd6e_7d8f36d2e0dc4464bf8bc3e861d5bf41.pdf. Acesso em: 27 jan. 2026.

CABRAL, G. N. **Benefícios e estratégias do pensamento crítico: O caminho para um raciocínio mais eficaz.** In: Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional, v.2. Gladys Nogueira Cabral (org.). Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025. 174 p.

CABRAL, G. N. **O impacto do cyberbullying no ambiente educativo: desafios e estratégias de intervenção na abordagem psicoeducativa.** In: Psicologia, tecnologias e educação: novas perspectivas, v. II. (Orgs.). Gladys Nogueira Cabral: Joselita Silva Brito Raimundo. 2ª ed. Alegrete, RS: Editora Terried. 2023, p. 63-86. ISBN: 978-65-84959-22-4. Disponível em:https://03aaa5d3-1809-4d80-ba2c-. Acesso em: 27 jan. 2026.

CABRAL, G. N.; ISCHKANIAN, S. H. D.; DA SLIVA, D. R.; PRADO, M. J. C.; VIEIRA, N. M. C.; DE ALMEIDA, R. C. G.; OLIVEIRA, I. da S. **Tecnologias na educação: ferramentas digitais como aliadas na aprendizagem de alunos típicos e atípicos.** In: Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional, v. 2. Gladys Nogueira Cabral (Org.). Formiga (MG): Editora MultiAtual, 2025. 174p. ISBN 978-65-6009-159-7. Disponível em: Unindo Saberes: Caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional - Volume 2 .Acesso em: 27 jan. 2026.

CABRAL, G. N.; SOUZA, A. S.; ESPINOZA CABRAL, S. L. ASSUNÇÃO, D. B. DE; MENDES, R. C. M. B. (2024a). **Explorando os benefícios da gamificação na educação: tornando o aprendizado mais divertido.** In: Tecnologias emergentes e metodologias ativasem foco: construindo vias alternativas para o conhecimento. Volume II. (Org). Gladys Nogueira Cabral. Itapiranga: Schreiben, 141 p. Doi: 10.29327/5384337.1-3.

CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; SILVA, Diogo Rafael da; PRADO, Maria José Costa; VIEIRA, Nívea Maria Costa; ALMEIDA, Rita Cristina Guimarães de; OLIVEIRA, Ivoney da Silva. **Tecnologias na educação: ferramentas digitais como aliadas na aprendizagem de alunos típicos e atípicos**. In: CABRAL, Gladys Nogueira (org.). *Unindo saberes: caminhos para o desenvolvimento do pensamento crítico, formação e inovação educacional*. Volume 2. Formiga, MG: Editora MultiAtual, 2025. p. 117–174. il. DOI: 10.5281/zenodo.15135799.

CARVALHO, Gabriel Nascimento de; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; ISCHKANIAN, Sandro Garabed; CARVALHO, Sygride Nascimento de. **Integração interdisciplinar e contextualização do currículo.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 57–58. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

CARVALHO, J. A. B. **Escrita: percursos de investigação.** Braga: Departamento de Metodologias da Educação, Instituto de Educação e Psicologia, 2003.

CARVALHO, R. E. **Removendo barreiras para a aprendizagem: educação inclusiva.** Porto Alegre: Mediação, 2006.

CARVALHO, Silvana Nascimento de; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Do fazer ao aprender no Desenho Universal para a Aprendizagem (DUA) e adaptação de recursos.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 41–42. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 5. ed. Porto Alegre: Penso, 2021.

FÁVERO, A. A.; CENTENARO, J. B. **A pesquisa documental nas investigações de políticas educacionais: potencialidades e limites.** Contrapontos, v. 19, n. 1, p. 170-184, 2019.

FURTADO, F. R.; SANTOS, I. B. **Saberes e práticas da inclusão.** Brasília: MEC, Seesp, 2004.

GALVÃO, M. C. B.; RICARTE, I. L. M**. Revisão sistemática da literatura: conceituação, produção e publicação.** Logeion: Filosofia da informação, v. 6, n. 1, p. 57-73, 2019.

ISCHKANIAN, S. H. D. **Tecnologia assistiva (TA): Prancha de madeira estruturar para atividades pedagógicas.** 2021. Disponível em: https://autismosimonehelendrumond.blogspot.com/2021/07/metodo-de-portfolios-educacionais-shdi_28.html. Acesso em: 27 jan. 2026.

ISCHKANIAN, S. H. D.; CABRAL, G. N.; DE SOUZA, A. S.; MORAES, M. I. da S.; GARABED ISCHKANIAN, S.; DE CARVALHO, G. N. **Educação, tecnologia e inclusão: contorno e entorno nas formas de ensinar e aprender.** In: Educação, tecnologia e inclusão: desafios antigos e contemporâneos. (Orgs.). G. de O. dos S. OLIVEIRA; H.C.O. da COSTA. Itapiranga: Schreiben, 2022., 140 p. Disponível em: https://pt.slideshare.net/slideshow/educao-tecnologia-e-incluso-desafios-antigos-e-contemporneos/255592081#2. Acesso em: 27 jan. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SANTOS, Wilson Bezerra dos; CARVALHO, Silvana Nascimento de; ISCHKANIAN, Sandro Garabed. **Cultura maker e tecnologias de baixo custo como estratégias de inclusão educacional: caminhos inovadores da educação infantil ao ensino superior**. In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção.* Clube de Autores, 2026. p. 49–56. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; VIANA, Fabiane Bandeira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; BELCHIOR, Idênis Glória. **Inteligência artificial e tecnologias digitais emergentes aplicadas à personalização do ensino, avaliação adaptativa e promoção da aprendizagem inclusiva.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 94–107. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

LEMLE, M. **Guia do alfabetizador.** 15. ed. São Paulo: Ática, 2000.

MORALES, W. G. B**. Análisis de Prisma como Metodología para Revisión Sistemática: una Aproximación General.** Saúde em Redes, v. 8, n. sup1, p. 339-360, 2022.

NAKAYAMA, A. M. **Educação inclusiva: princípios e representação.** 2007. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2007.

NARCISO, R.; SANTANA, A. C. A. **Metodologias científicas na educação: uma revisão crítica e proposta de novos caminhos.** ARACÊ, v. 6, n. 4, p. 19459-19475, 2025.

OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; SANTOS, Wilson Bezerra dos; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Do fazer ao aprender: tecnologias inclusivas de baixo custo e cultura maker na construção de uma educação inovadora e equitativa.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção.* Clube de Autores, 2026. p. 34–41. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

OLIVEIRA, Mara Lúcia Nunes de Lima; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; CARVALHO, Silvana Nascimento de; CARVALHO, Gabriel Nascimento de. **Racismo e linguagem: alertas para a atuação de educadores infantis.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 64–78. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

PAGE, M. J et al. **The PRISMA 2020 statement: an updated guideline for reporting systematic reviews.** BMJ, v. 1, n. 1, p. 1-1, 29 mar. 2021.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO, ESPORTE E LAZER DE PALMEIRA. **Avaliação diagnóstica municipal de língua portuguesa.** Palmeira, PR: Secretaria Municipal de Educação, 2023.

SILVA, Francisca Araújo da; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **Avaliação na educação infantil: escuta sensível, necessidades das crianças e acompanhamento do desenvolvimento.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção.* Clube de Autores, 2026. p. 4–16. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

SILVA, L. R. C. et al. **Pesquisa documental: alternativa investigativa na formação docente.** In: IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. Anais. Paraná, 2009. p. 4554-4566.

SOARES, M. **Alfabetização e letramento.** 6. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SOARES, M. **Alfabetização: a questão dos métodos**. São Paulo: Contexto, 2017.

SOARES, M. **Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e escrever.** São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M.; BATISTA, A. G. **Alfabetização e letramento: caderno do professor.** Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFMG, 2005. (Coleção Alfabetização e Letramento).

TONINI, A. **Dificuldades de aprendizagem:** *4º semestre*. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2005.

VIANA, Fabiane Bandeira; ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond; CABRAL, Gladys Nogueira; RIBEIRO, Hevelin Katana Farias; CARVALHO, Silvana Nascimento de. **O brincar e as expressões artísticas nas experiências culturais de crianças indígenas.** In: ISCHKANIAN, Simone Helen Drumond (org.). *Futuro em Construção*. Clube de Autores, 2026. p. 79–93. Disponível em: https://www.calameo.com/books/007278111cee751be09f1. Acesso em: 27 jan. 2026.

VIGOTSKY, L. S. **A construção do pensamento e da linguagem.** Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

VYGOTSKY, L. S**. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

E-book
CLUBE DE AUTORES

